

ESPECIAL - TSUNAMI NO MERCADO FINANCEIRO

Poderíamos usar vários outros títulos para esse artigo como, “furacão”, “tempestade”, etc., mas escolhemos esse que acreditamos ser o que melhor se encaixa com o que aconteceu nessa última quinta-feira, 18 de maio de 2017.

Logo na quarta-feira à noite, após o fechamento do mercado, os noticiários divulgavam a bomba: O indiciamento do presidente Michel Temer e do senador Aécio Neves, por corrupção, após a delação premiada dos empresários Joesley e Wesley Batista, do grupo JBS.

Pela nossa experiência e pelas inúmeras mensagens recebidas, perguntando sobre os acontecimentos e como seria a reação do mercado, se sabia que o dia seguinte seria agitado. Era fácil prever uma forte queda na Bovespa, pois o mercado noturno de Nova York, já sinalizava uma queda de mais de 10% para as ações da Petrobras e mais de 8% nas da Vale do Rio Doce.

A primeira questão era dimensionar a alta do dólar e a queda do Índice Bovespa. Logo cedo, era consenso nas mesas de operações que o dólar bateria seu limite de alta 3,323 R\$/US\$ e o Ibovespa, o limite de baixa de 10% em relação ao fechamento do dia anterior.

Em seguida, foi a vez de avaliar os impactos sobre as commodities agrícolas. A princípio, com a alta da moeda americana, as expectativas eram de que as commodities dolarizadas caíssem e as cotadas em reais se valorizassem, e foi o que aconteceu.

O café caiu 3,8%, soja 3,3%, açúcar 2,0%, com a valorização do dólar dando o tom deste recuo, embora alguns outros fatores também tenham contribuído para esta queda. Por outro lado, o milho e o etanol apresentaram valorização, com destaque para o cereal que subiu 4,8%. No caso do boi, os preços caíram por volta de 1%.

Isto posto, vamos explicar as razões do título acima.

Analisando as observações acima, pode-se concluir que o mercado caiu ou subiu dependendo de qual ativo se está acompanhando. Ledo engano.

Acredito que muitos saibam o comportamento das águas do mar num Tsunami: uma onda gigante pra dentro do continente que depois volta, com força maior, puxando tudo que pode para o mar. Pois foi exatamente o que aconteceu nessa última quinta-feira no mercado financeiro: O Banco Central entrava fazendo leilão de swap cambial para atenuar a escalada do dólar, o mercado acalmava e, logo após, uma nova onda de compras fazia a moeda americana subir novamente. Com isso, os preços das commodities alcançaram uma volatilidade totalmente fora do normal.

Resumidamente pode-se dizer que, para quem gosta de fortes emoções, este foi o dia perfeito.

O “interessante” é saber que os grandes vencedores desse tsunami que se abateu sobre o mercado financeiro nacional foram exatamente os dois protagonistas deste “enredo” e suas empresas, o que torna tudo isso ainda mais vergonhoso e revoltante para todos os cidadãos brasileiros.

Acreditamos que a volatilidade do mercado deve continuar até que se resolvam as questões políticas, o que, infelizmente, está longe de acontecer.

Com este cenário apresentado, a pergunta que fica no ar é:

Se você fosse um investidor estrangeiro, deixaria ou aplicaria seus dólares no Brasil?

RESENHA SEMANAL - 14 A 20/05/2017

INDICADORES: No Boletim Focus desta semana, pioraram as projeções para 2017 quanto ao Investimento Direto no País e foram mais otimistas para IPCA, IGP-M e PIB (que melhoraram, pela 4ª semana seguida), enquanto ficaram mantidas para Taxa Selic e Dólar Comercial. O IPC-Fipe subiu 0,3% na 2ª quadrissemana de maio, mostrando desaceleração em relação ao avanço de 0,58% da quadrissemana anterior e a 2ª prévia de maio do IGP-M apresentou queda de 0,89% ante a redução de 0,99% na 2ª prévia de abril, acumulando recuo de 1,25% no ano embora avance 1,61% em 12 meses.

Projeções 2017		
	Anterior	Atual
IPCA	4,01%	3,93%
IGP-M	2,66%	2,20%
Taxa de Câmbio R\$/US\$	3,23	3,23
Taxa Selic	8,50%	8,50%
PIB	0,47%	0,50%

COMÉRCIO EXTERIOR: Dos 25 segmentos monitorados pelo CAGED, 13 apresentaram melhora de desempenho no 1º trim/17. Todos são ligados ao comércio externo, mais voltados para a exportação e, em especial, para o agronegócio, o que já se reflete há algum tempo na Balança Comercial brasileira.

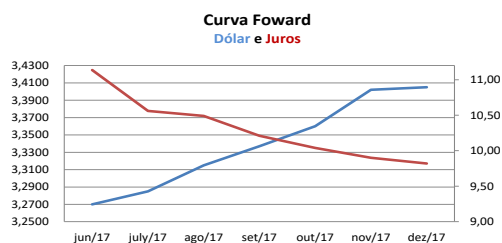
MERCADO DE TRABALHO: O CAGED mostra que o Brasil voltou a gerar empregos pela 1ª vez em 22 meses, abrindo, em abril, 59.856 vagas de emprego formal, no primeiro resultado positivo para o mês desde 2014, ante o recuo de 40.864 vagas em março, embora no 1º quadrim/17 ainda apresente uma perda de 933 postos de trabalho e em 12 meses, aponte o fechamento de 969.896 vagas.

CENÁRIO NACIONAL: O Governo tenta, nesta sexta-feira, “tranquilizar” o cenário político e econômico, com Temer afirmando que “nada o compromete” e que não renunciará, enquanto Meirelles promete ficar no cargo e continuar com as reformas mesmo que o presidente saia, com os mercados domésticos ainda devendo refletir os desdobramentos desta crise e os investidores mostrando cautela e aversão ao risco diante do clima interno e externo.

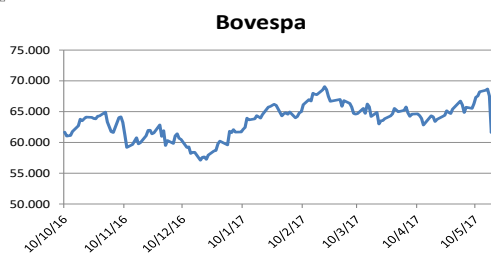
CENÁRIO INTERNACIONAL: A zona do euro registrou um superávit comercial recorde, de € 30,9 bi, em março, com as exportações alcançando € 202,3 bi, o maior valor desde 1999. Seu índice de preços ao consumidor avançou 1,9% em abril, na comparação anual, apresentando uma aceleração ante o avanço de 1,5% de março e 0,4% na comparação mensal, em linha com as projeções do mercado.

JUROS: As taxas de juros futuros tiveram uma forte alta nesta semana, com negócios atingindo os limites máximos de oscilação, após uma longa sequência de quedas, com um avanço do “risco-país” (embora ainda menor do que há um ano), em razão do atual cenário político trazendo uma maior aversão ao risco por parte dos investidores.

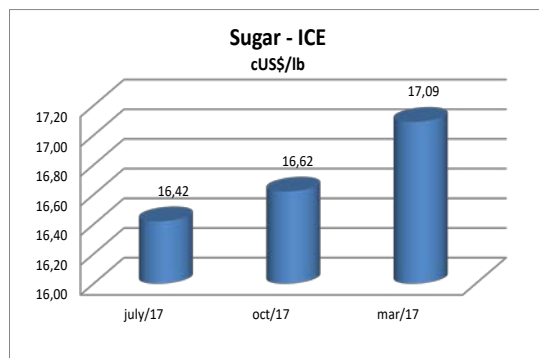
CÂMBIO: No início da semana, o euro avançou 0,59% em relação ao dólar, alcançando o nível mais alto desde nov/16, ainda sob influência das eleições francesas e seu reflexo ante a conduta quanto à UE. No Brasil, depois de recuar por 6 sessões consecutivas, na maior sequência de desvalorizações desde dez/16, as cotações da moeda americana avançaram fortemente refletindo a busca por ativos mais seguros, em razão da aversão ao risco no exterior, ampliada pelo o devastador cenário político, com negociações chegando a ser suspensas na 5ª feira, após atingir o limite máximo de oscilações e fechando a semana a R\$ 3,29, numa valorização de 5,35%.



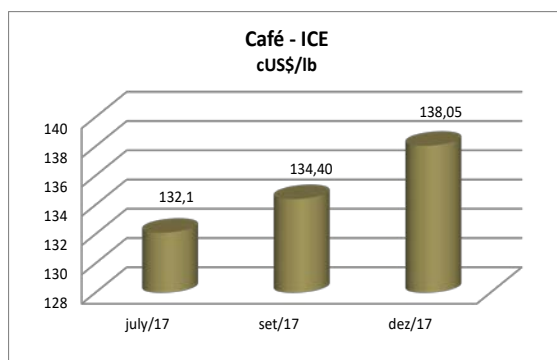
BOLSAS: A maioria das bolsas internacionais fecharam a semana em leve alta, após recentes perdas consecutivas, mesmo diante das preocupações com as incertezas políticas em relação a capacidade do presidente Trump de aprovação de reformas no Congresso americano e das acusações que pesam sobre ele quanto à espionagem eleitoral, com investidores evitando ativos mais arriscados. Destaque para a bolsa de Londres que bateu seu recorde histórico de alta, impulsionada pela elevação dos preços do petróleo ante a possibilidade do acordo da OPEP, de redução de oferta, ser prorrogado. O mercado doméstico segue pressionado, embora tenha fechado em alta de 2,48% nesta sexta feira, com os investidores adotando uma postura cautelosa, atentos às incertezas e aos desdobramentos em relação aos últimos acontecimentos políticos, temendo, inclusive, que estes possam interromper o avanço das reformas, inclusive a da Previdência. Na semana o recuo foi de 7,46%.



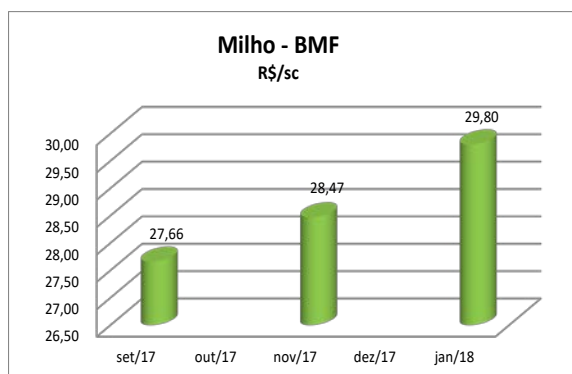
AÇÚCAR: O USDA estima que a safra 2017/18 brasileira deve atingir 39,7 milhões de ton, numa alta de 500 mil ton na comparação anual, com a produção global podendo alcançar a marca recorde de 180 milhões de ton. Foi um dos mercados mais afetados pela instabilidade política no Brasil, pelos altos níveis nacionais de produção e exportação.



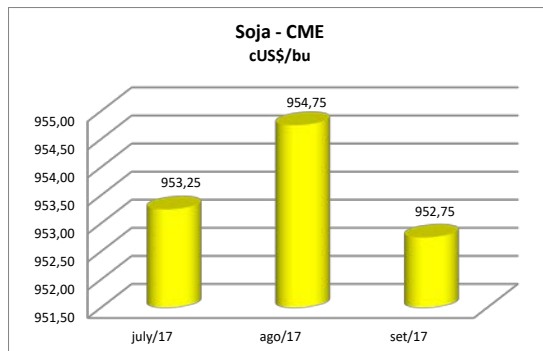
CAFÉ: Os contratos futuros do café arábica em NY fecharam a semana com um recuo de mais de 2%, vcto. jul/17, pressionados por informações sobre a oferta global do grão em 2016/17. O mercado doméstico acompanhou a tendência externa devido ao câmbio, com o dólar alcançando máximas diante das delações do grupo JBS, e negócios isolados mesmo com a alta nas cotações físicas, depois dos preços, no início da semana, terem atingido seus níveis mais baixos em mais de um ano.



MILHO: No mercado interno, os baixos níveis dos preços, com cotações abaixo do mínimo têm dificultado a comercialização antecipada da safrinha e estimulado a armazenagem. A colheita deve se intensificar a partir de junho e especialistas projetam uma 2ª safra 2016/17, de 67 milhões de ton numa área de 12 milhões de ha, representando avanço de 49% e 10%, respectivamente, ante o ciclo anterior.



SOJA: Com os preços em baixa, produtores estão diante do dilema entre a negociação imediata ou o armazenamento do produto, aguardando melhores preços. No mercado interno, as cotações são 25% inferiores às do ano passado e os custos de armazenagem, próximos a 0,9%/mês, com pequenas perspectivas de novas altas significativas no preço do grão. Com um cenário atual pouco favorável, diante da expectativa de um recorde na safra mundial, numa área plantada maior que em 2016/17 e estoques elevados, especialistas discutem saídas como, por exemplo, a reativação dos projetos de armazenagem e definição de uma política de hedge.



OBS: Dados coletados até as 16:00 hrs do dia de fechamento da edição/Esta resenha foi elaborada pela CW Análises para uso exclusivo do destinatário. As informações contidas nesta resenha são consideradas confiáveis na data na qual foi publicada. Entretanto, as informações aqui contidas não representam, por parte da CW Análises, garantia de exatidão ou julgamento sobre a qualidade das mesmas, e não devem ser consideradas como tal. As opiniões contidas aqui são baseadas em estimativas, estando, portanto, sujeitas a alterações.